

APRESENTAÇÃO - BOITATÁ

Por isso é que agora vou assim
no meu caminho. Publicamente andando.
Não, não tenho caminho novo.
O que tenho de novo
é o jeito de caminhar
(Thiago de Mello)

E o jeito novo de caminhar da Boitatá, a partir do 1º semestre de 2022, foi adotar a forma editada em fluxo contínuo para agilizar a divulgação das produções científicas de pesquisadores que investigam as poéticas orais e a literatura popular. Nesse processo, a intenção é reduzir o tempo para publicar, mantendo-se o mesmo padrão de qualidade e compromisso assumidos pela equipe editorial.

Com olhar sensível às diferentes abordagens de trabalho, a divulgação de experiências textuais (com)partilhadas que aguçam a imaginação, despertam emoções, tornam-se prazerosas fontes de leitura e de estudos, além de, estimular o espírito crítico do público leitor. E a Boitatá “publicamente andando” mostra, na sequência, o seu novo “jeito de caminhar”, de trafegar, de voar, de navegar...

Então vamos navegar nos rumos da primeira chamada em fluxo contínuo que começa com uma seleção de sete textos, entre os quais inserem-se quatro dos trabalhos apresentados no V Seminário de Poéticas Oraís “memórias, mitopoéticas e cartografias em travessias no Marajó”, realizado em novembro de 2019.

Neste percurso, Edvaldo Santos Pereira e Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões fazem uma abordagem sobre “São João do Folclore e Mangueritos: uma representação memorialística do folclore amazônico” em uma retratação de aspectos de manifestações culturais dos festejos juninos, que atravessam o tempo, a criação poética e ainda se faz presente, no contexto regional, como forma de preservar uma tradição.

Da Amazônia acreana, Fernanda Cougo Mendonça traz à tona “A poesia oral de um sábio da floresta: fragmentos e diálogos” propondo-se a revistar uma dimensão da literatura e cultura daimista amazônica de Luiz Mendes, um sábio ancião em que analisa o repertório de linguagens e identidade, textos e contextos, memórias e narrativas, saberes e fazeres, voz, performance e poéticas entendido pela autora como um repertório de resistência.

Música e experiência religiosa instigam o trabalho com “A palavra cantada nos rituais da União do Vegetal (UDV): um estudo de poéticas orais”, de Neila Tatiane Santana da Cruz Fariello e Edil Silva Costa, tendo como foco estudar as poéticas orais presentes na religião União do Vegetal, criada na floresta amazônica por José Gabriel da Costa, em que as músicas evocadas nos rituais formam uma antologia própria da religião.

Com a indagação vinda pela “Web Rádio Palafita: quais vozes falam pelo Dique da Vila Gilda em Santos-SP?”, Maria Conceição Golobovante, durante o desenvolvimento do Projeto Rede de informação Comunitária, procurou ouvir a pluralidade de vozes dos moradores da favela apreendendo os códigos e as poéticas vocais ali presentes para entender a relação das mutações vocais desses sujeitos a partir da interação com os suportes midiáticos.

Nas poéticas amazônicas e seus atravessamentos, as autoras Natasha de Queiroz Almeida e Maria do Socorro Galvão Simões na tessitura “Entre o conto e o canto: os diálogos entre tema e memória em narrativas orais e narrativas cantadas dos mestres urbanos de carimbó da Amazônica”, ressignificam valores, ideologias. transmitindo conhecimentos plurais no fluxo narrativo em torno desse ritmo regional marcadamente expresso na cultura local.

Inessa Rosa de Amorim e Guilherme Augusto Louzada Ferreira de Moraes em “Cinderela e Rapunzel: entre os clássicos e as versões cinematográficas *Enrolados* e *Caminhos da floresta*”, promovem uma reflexão sobre as transformações sociais e temporais no enredo e na caracterização das personagens femininas nos contos “Cinderela” e “Rapunzel” comparando-os à versão cinematográfica “Enrolados” e “Caminhos da floresta”.

E com Luciano Santos Xavier e Denise Dias de Carvalho Sousa, encerramos este número com “Palmas, pandeiros e cantorias: a poesia oral do samba de roda nas cantigas de batuque”, entrelaçadas no seio ontológico do samba para entender os jogos de estilo e de sentido construídos pelos sambadores em uma poética em que corpos, vozes e percussão amalgamam a existência de um coletivo e sua relação com o público.

Na letra, na memória, nos rituais, na imagem fotográfica e cinematográfica, nas vozes que narram, em prosa e verso, uma tessitura de conexões nos artigos enviados para formarem este novo modelo de publicação para trocas de experiência, de disseminação

de estudos, pesquisas, de produção intelectual. E, do que se tem “de novo” é prazer de estar em um espaço de fluxo contínuo para avançar pelas poéticas da oralidade nas mídias digitais em um panorama de conhecimentos plurais.